

O TRABALHADOR

SEMÁNARIO DO POVO

A NOSSA POSIÇÃO

Por algumas cartas chegadas já em resposta ao nosso inquérito sobre «O Trabalhador», verificamos a necessidade de esclarecer, de uma vez para sempre, a nossa atitude e a razão de ser dela.

É o que vamos fazer hoje.

1.º Somos Católicos

Parece que toda a gente deveria ter notado duas coisas:

a) Que «O Trabalhador», semanário, apareceu como sequência do quinzenário «O Trabalhador» fundado em Maio de

1934 e suspenso voluntariamente em Dezembro de 1947, por não poder corresponder já como quinzenário às exigências cristãs dos trabalhadores que o são ou querem ser. Ora «O Trabalhador» quinzenário e «O Trabalhador» semanário são feitos pela mesma gente, com elementos novos por certo, mas absolutamente integrados no mesmo pensamento.

Qual é esse pensamento? A doutrina social dos Sumos Pontífices, desde Leão XIII a Pio XII. Dela nos orgulhamos. Nela pomos toda a nossa espe-

rança como a única capaz de apaixonar o coração das multidões, por ser a única onde vibra a fome e a sede daquela justiça integral que Jesus Cristo veio trazer ao mundo.

Essa doutrina, embora não muito espalhada e conhecida, está no entanto ao alcance de toda a gente em livros acessíveis.

Não é, portanto, lícito nem honesto afirmar que nos desviamos dela, sem o provar. Ora essa prova exigimo-la para futuro, a quem honestamente nos quiser atacar. Da mentira alguma coisa fica, mas não é honesto mentir. E com a mentira nem a Deus nem à Pátria se pode servir.

b) Que não ocultamos nunca os nossos sentimentos cristãos. Eles exigem de nós completa fidelidade à disciplina doutrinária da Igreja. Afirmamos solenemente submeter-nos desde já, e integralmente, a qualquer reparo da competente autoridade eclesiástica em matéria de Fé e de costumes, e até em disciplina religiosa.

Mantemos contudo a nossa inteira independência perante a Hierarquia em tudo o mais, pelo que Ela em nada é responsável por qualquer atitude que tomemos. Aliás foi sempre esta a doutrina proclamada pelos Sumos Pontífices.

2.º Católicos esquerdistas?

Uma das acusações que temos visto em alguns jornais — com mágua o verificamos — é a de que somos simpatizantes do marxismo!! Pueril julgamento.

Nós estamos, pela nossa Fé e pelos nossos ideais — mais do que ninguém — nos antípodas do marxismo. E os comunistas sabem-no perfeitamente.

Durante muito tempo, houve a ilusão de que o totalitarismo nazista ou fascista era o maior dique oposto ao comunismo. Muitos católicos deixaram-se iludir nessa boa fé. Era isto desconhecer o comunismo e o totalitarismo. Nós nunca nos enganamos. Não por sermos mais espertos do que os outros, mas porque, lendo e meditando, os ensinamentos dos Sumos Pontífices, «cometemos o pecado» de acreditar neles com toda a nossa alma.

Pio XI, para combater o comunismo não apelou para o nazismo — que condenou energeticamente numa encíclica especial — nem para o fascismo contra o qual não menos energeticamente lutou. Não! Na sua encíclica *Divini Redemptoris* (também aí ao alcance de toda a gente) apontou aos católicos, sem receio de errar, os verdadeiros remédios contra a peste comunista: a) a renovação da vida cristã; b) o desapego dos bens terrenos; c) a caridade

cristã; d) o cumprimento dos deveres de estrita justiça; e) justiça social; f) estudo e difusão da doutrina social; g) oração e penitência.

É com estes meios que queremos contribuir, com a nossa actividade, para esclarecer os operários dos verdadeiros ideais que os podem salvar. Diremos no entanto, que Jesus Cristo nos impôs o dever de amar os nossos inimigos, de fazer bem àqueles que nos fazem mal, de orar pelos que nos perseguem e caluniam. Aos comunistas, como aos outros adversários nossos, queremos abranger — tanto quanto o permite a nossa humana fraqueza — no mesmo amor. O ódio não é caminho recomendado pelo Evangelho.

Mas o melhor será lembrar, aos que os não conhecem, os remédios apontados por Pio XI — reforçados aliás por Pio XII — como os únicos eficazes contra o comunismo. Encontram-se

na Encíclica *Divini Redemptoris*, (A Igreja e a Questão Social, União Gráfica, 3.ª edição, págs. 220 a 241):

a) Renovação da vida cristã

Remédio fundamental

Como em todos os períodos mais procelosos na história da Igreja, assim hoje o remédio fundamental é a sincera renovação da vida privada e pública, segundo os princípios do Evangelho, em todos aqueles que se gloriam de pertencer ao redil de Cristo, para poderem ser verdadeiramente sal da terra que preserve de tal corrupção a sociedade humana.

De ânimo profundamente grato ao Pai das luzes, de onde provêm «todos os bens e todo o dom perfeito» (S. Tiago, I, 17), vemos por toda a parte sinais desta renovação espiritual.

(...) Não podemos, porém, negar que falta ainda muito a renovar no caminho da perfeição espiritual. Com efeito, até nos países católicos, são muitos aqueles que são católicos só de nome: muitos aqueles que, embora cumprindo mais ou menos fielmente



INQUÉRITO ÀS NOSSAS LEITORAS O LAR OU A FÁBRICA?

Como prometemos, no nosso número do 1.º de Maio lançaremos o inquérito às nossas leitoras sobre o problema do futuro da mulher: o lar ou a fábrica? Ou o lar e a fábrica?

Quem diz fábrica, diz o escritório, a reparação, o «atelier».

Inquérito escaldante, porque o futuro da mulher é o futuro do povo, e o futuro do povo é o futuro da Nação.

E porque não hão-de responder os homens, os rapazes que também têm os seus ideais a respeito da mulher?

Todos podem e devem responder.

Distribuiremos prémios — os que pudermos obter:

- por sorteio, entre todas as raparigas que nos responderem;
- por sorteio, entre as mulheres casadas;
- também por sorteio, entre os rapazes e homens;
- às melhores respostas, sejam de homens ou de mulheres.

NOTA — as melhores respostas serão publicadas.

NO PRÓXIMO NÚMERO
SERÁ LANÇADO O INQUÉRITO

CONTINUAMOS O INQUÉRITO AOS NOSSOS LEITORES



Já temos em nosso poder bastantes cartas de resposta ao inquérito que lançamos aos nossos leitores sobre «O Trabalhador».

As respostas e as observações, vindas todas de autênticos operários, deixam-nos a esperança de que nenhum dos nossos leitores deixará de fazer o sacrifício de nos escrever a colaborar no aperfeiçoamento do seu jornal.

Repetimos as perguntas:

- 1.º Agrada a apresentação de «O Trabalhador»?
- 2.º A sua colaboração e orientação correspondem ao ideal de um jornal do povo trabalhador?
- 3.º Quais as secções que mais interessam? Acha-las boas?
- 4.º Quais os problemas da classe operária que desejarias ver mais debatidos?
- 5.º Que novas secções gostarias de ver no jornal?

TODOS PELO JORNAL!
O JORNAL POR TODOS!

DO PAÍS

Chegarão a Lisboa, a bordo do «Córdobas», mais de 700 peregrinos portugueses e brasileiros...

Portugal participa na Feira do Livro Espanhol, que recentemente se inaugurou.

Também chegaram ao nosso país quinhentas crianças austríacas, que vêm aqui repousar.

O Governador Civil de Lisboa visitou Mafra com o fim de se informar das necessidades mais urgentes do concelho.

Inaugura-se amanhã, dia 25, a feira e exposição de gados de Vila Franca de Xira.

Porto Brandão vai ser beneficiado com alguns melhoramentos, tais como construção de um lavadouro e um pequeno mercado.

A Federação das Caixas de Previdência, «Carvões», recebeu cerca de 2 mil contos que a Comissão Reguladora de Carvões cobrou em percentagens desde 1946.

Na linha férrea de Glasgow-Londres deu-se um grande choque de comboios de que resultou a morte de 22 pessoas e 28 feridas.

O Ministério dos Estrangeiros da Arábia Saudita disse que os russos pretendem estabelecer uma base militar na Palestina.

Deu-se grave explosão numa mina em Courrières (França) supondo-se que tenha causado duzentos mortos.

Os Estados Unidos continuam a descarregar material de guerra na Turquia.

Realizou-se nova experiência da bomba atómica no Pacífico, em Eniwetok.

No Brasil continua a prisão dos comunistas e vai estudar-se no Parlamento o projecto de lei relativo ao afastamento dos militares comunistas.

Chang Kai Chek foi reeleito presidente da República da China.

Médicos americanos dizem ter descoberto a vitamina B 12, poderoso tratamento contra a anemia.

A Inglaterra vai pedir à Rússia uma indemnização pela perda do avião britânico no choque em Berlim.

A questão do futuro governo da Palestina foi entregue à Comissão Política da O. N. U.

As eleições na Itália deram a vitória aos Democratas-Cristãos, tendo sido derrotado o partido seu antagónico — Frente Popular (comunistas).

Morreram 30 pessoas no desastre de um «Constellation», que se precipitou no solo ao aterrar no Eire.

Revestiu-se do maior brilho a benção dos navios bacalhoeiros e da imagem da N.ª Sr.ª da Boa Viagem.

A imprensa inglesa classifica o movimento de tropas russas em Berlim e arredores, como fazendo parte da guerra de nervos criada pelos soviéticos.

Vão ser enviados para França, Itália, Grécia, Holanda e Áustria 38 milhões de dólares de produtos alimentícios e carvão.

Os russos preparavam um golpe de Estado na Áustria. Por sua vez os meios austríacos afirmam que a presença na Áustria de forças de ocupação inglesas, francesas e americanas não é suficiente para isentar Viena de um golpe comunista.

Os ingleses vão ocupar o porto de Caifa, na Palestina, que servirá de base à saída das tropas britânicas.

Nos arredores do Rio de Janeiro deu-se a explosão de um paúlo, morrendo 40 pessoas.

Foi criada uma Escola do Magistério Primário em Angra do Heroísmo.

Em Ponta Delgada vai ser inaugurado no próximo mês um bairro de casas económicas com 60 moradias.

DO ESTRANGEIRO

Explodiu no porto de Bari o navio há pouco aprisionado pelos italianos, carregado de armamento.

Os Estados Unidos vão pôr a indústria da aviação em completa elaboração, para o que foi já aprovado o adiamento de 2 mil trezentos e setenta e seis milhões e cem mil dólares.

Os britânicos recusaram-se a consentir que os guardas das fronteiras russa em Semmering passassem busca ao comboio e verificassem os documentos de identidade.

Os delegados russos à conferência da liberdade de Imprensa tentaram malograr os trabalhos.

Foi descoberto no Chile um vasto plano de acção comunista, através de grande quantidade de documentos apreendidos.

O caso da Colombia seria apenas um acontecimento preliminar, porque outros mais graves se seguiriam no Chile e na Bolívia.

Efectuaram-se prisões entre elas a de refugiados espanhóis.

Em Bogotá foram destruídas ou danificadas 5 mil casas.

Marshall afirmou que a ocorrência revolucionária de Bogotá é de carácter mundial e não apenas respeitante à Colombia ou à América latina.

A Liga Árabe rejeitou a proposta dos americanos de tutela da O. N. U. sobre a Palestina.

A partilha da Palestina parece um facto consumado.

Os soviéticos recusaram-se a ouvir as testemunhas americanas e aliás não inquiriu ao choque de aviões em Berlim.

Um jornal italiano revelou o plano russo dado aos comunistas de Itália para o caso da sua vitória eleitoral.

A América do Norte vai negociar pactos bilaterais com as 16 nações incluídas no plano Marshall.

A Rússia diz ser inaceitável a proposta para a devolução de Trieste à Itália. De Londres dizem que aquelas objeções são infundadas.

A polícia italiana descobriu grandes depósitos de armamento nas vésperas das eleições.

O deputado do Partido Republicano dos Estados Unidos, Ellsworth B. Woote, declarou que convidaria Estaline, por telegrama, a conferenciar com Truman.

Morreram 30 pessoas no desastre de um «Constellation», que se precipitou no solo ao aterrar no Eire.

Revestiu-se do maior brilho a benção dos navios bacalhoeiros e da imagem da N.ª Sr.ª da Boa Viagem.

A imprensa inglesa classifica o movimento de tropas russas em Berlim e arredores, como fazendo parte da guerra de nervos criada pelos soviéticos.

Vão ser enviados para França, Itália, Grécia, Holanda e Áustria 38 milhões de dólares de produtos alimentícios e carvão.

Os russos preparavam um golpe de Estado na Áustria. Por sua vez os meios austríacos afirmam que a presença na Áustria de forças de ocupação inglesas, francesas e americanas não é suficiente para isentar Viena de um golpe comunista.

Os ingleses vão ocupar o porto de Caifa, na Palestina, que servirá de base à saída das tropas britânicas.

Nos arredores do Rio de Janeiro deu-se a explosão de um paúlo, morrendo 40 pessoas.

A Convenção da Cooperação Económica foi assinada, em Paris, pelos representantes das 16 nações beneficiadas pelo plano Marshall e pelos comandantes das zonas de ocupação da Alemanha Ocidental.

Unidades americanas na Alemanha ocupada vão executar manobras militares próximo de Nurembergas.

O rei Abdullá, da Transjordânia, recusa que depois da saída das tropas inglesas cheguem forças judaicas e russas a Caifa, Telaviv e Jaifa.

A polícia de Francfort vai ser «limpa» de todos os comunistas.

Realizou-se em Marselha o Congresso da União do Povo Francês, a cujo encerramento presidiu o general De Gaulle, que proferiu um grande discurso perante 90 mil pessoas e assistiu à missa e ao «Te-Deum».

No seu discurso referiu-se aos desejos da Rússia de dominar numa Europa desorientada, e afirmou que os comunistas franceses estão em declínio perante o efeito da atitude de reprovação da maioria contra eles.

As três zonas ocidentais da Alemanha de ocupação anglo-franco-americana passaram a ter uma administração económica comum.

Na linha férrea de Glasgow-Londres deu-se um grande choque de comboios de que resultou a morte de 22 pessoas e 28 feridas.

O Ministério dos Estrangeiros da Arábia Saudita disse que os russos pretendem estabelecer uma base militar na Palestina.

Deu-se grave explosão numa mina em Courrières (França) supondo-se que tenha causado duzentos mortos.

Os Estados Unidos continuam a descarregar material de guerra na Turquia.

Realizou-se nova experiência da bomba atómica no Pacífico, em Eniwetok.

No Brasil continua a prisão dos comunistas e vai estudar-se no Parlamento o projecto de lei relativo ao afastamento dos militares comunistas.

Chang Kai Chek foi reeleito presidente da República da China.

Médicos americanos dizem ter descoberto a vitamina B 12, poderoso tratamento contra a anemia.

A Inglaterra vai pedir à Rússia uma indemnização pela perda do avião britânico no choque em Berlim.

A questão do futuro governo da Palestina foi entregue à Comissão Política da O. N. U.

As eleições na Itália deram a vitória aos Democratas-Cristãos, tendo sido derrotado o partido seu antagónico — Frente Popular (comunistas).

Morreram 30 pessoas no desastre de um «Constellation», que se precipitou no solo ao aterrar no Eire.

Revestiu-se do maior brilho a benção dos navios bacalhoeiros e da imagem da N.ª Sr.ª da Boa Viagem.

A imprensa inglesa classifica o movimento de tropas russas em Berlim e arredores, como fazendo parte da guerra de nervos criada pelos soviéticos.

Vão ser enviados para França, Itália, Grécia, Holanda e Áustria 38 milhões de dólares de produtos alimentícios e carvão.

Os russos preparavam um golpe de Estado na Áustria. Por sua vez os meios austríacos afirmam que a presença na Áustria de forças de ocupação inglesas, francesas e americanas não é suficiente para isentar Viena de um golpe comunista.

Os ingleses vão ocupar o porto de Caifa, na Palestina, que servirá de base à saída das tropas britânicas.

Nos arredores do Rio de Janeiro deu-se a explosão de um paúlo, morrendo 40 pessoas.

O FUNDAMENTO DA COMUNIDADE

Começamos aqui há alguns números atrás por dar alguns exemplos do que era uma comunidade (falamos de prédio e de bairro) — e de como se podia praticamente fazer ressuscitar a consciência de comunidade em agrupamentos onde ela estava bastante apagada.

Queremos hoje deter-nos um pouco sobre o laço que constitui o fundamento humano da sociedade.

Num escrito seu de há quase vinte anos, acerca de Peter Wust, Gabriel Marcel, grande pensador francês que temos a alegria de ver agora em Portugal, escreve o seguinte:

«...Dissipando, em seguida a Toennies (Toennies foi um pensador alemão dos princípios deste século) a confusão com tantas consequências, que a escola sociológica fez acreditar no nosso tempo, Wust lembra-nos que é necessário manter uma distinção rigorosa entre comunidade e sociedade.

«Por comunidade, Toennies entendia uma união fundada na consanguinidade e no amor, união tal que os seus membros se entrelaçam de certa maneira orgânicamente; o termo sociedade designava pelo contrário, para ele, um tipo de união fundado no puro entendimento, fora de todo o amor, e num cálculo excessivamente egoísta.

«Compreende-se como é preciso que o homem dê na sua vida corpo à piedade, para haver verdadeiras comunidades. A aceitação desse laço de união, a consciência dele, o trabalhar com o fim de levar aqueles que o não aceitam ou o não conhecem a aceitá-lo e conhecê-lo, esse respeito por nós próprios e pelos outros, — eis os fundamentos das comunidades. O homem piedoso não trata os outros como coisas, objectos, com que se importa na medida em que se pode servir deles, mas como irmãos a quem nada do que lhes acontece lhe é indiferente.»

INFORMAÇÕES SOCIAIS

PRESTAÇÃO DE TRABALHO NAS INDÚSTRIAS METALÚRGICAS E METALO-MECÂNICAS

O sr. Subsecretário de Estado das Corporações, atendendo ao que lhe foi proposto pela comissão central emergente do despacho que regulamentou as condições de prestação de trabalho nas indústrias metalúrgicas e metalo-mecânicas, aprovou as seguintes alterações às disposições contidas naquele despacho:

Base VIII — § 8.º (transitório): Enquanto não forem criadas escolas pré-profissionais, poderá o Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, mediante parecer da Comissão central, autorizar a admissão de menores, com a idade mínima de 12 anos, habilitados com a instrução primária, na qualidade de pré-aprendizes, em empresas que reúnam as condições necessárias para garantir a formação profissional e moral daqueles menores.

Base XXIII — § 1.º: Para efeito de contagem de faltas, cada falta não justificada equivale a cinco justificadas. § 2.º «Faltas» é a ausência durante um dia de trabalho. § 3.º: As ausências, justificadas ou não, durante períodos inferiores a um dia, serão consideradas no apuramento da efectividade de serviço, somando os tempos obtidos e reduzindo estes totais a dias. § 4.º: As faltas por doença, não são consideradas no apuramento da efectividade do serviço.

Tabela de salários — Grupo E: menores (17 anos), 12\$00 para a 1.ª zona; 10\$80, para a 2.ª, e 10\$80 para a 3.ª; e menores (17 a 18 anos), respectivamente, 15\$20, 14\$40 e 13\$60.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

PAGINA DESPORTIVA

COISAS DO FUTEBOL

OXALÁ O «DESSPORTIVISMO» SE NÃO AFASTE DOS CAMPOS DE LUTA!...

Caminhámos presentemente a passos agigantados para as soluções finais dos problemas há muito em suspenso, respeitantes à supremacia no Futebol Português — dentro das várias categorias que têm competições próprias.

Comentamos já a «poule final» do Torneio da II Divisão. Encontram-se apurados desde domingo último os dois «finalistas» da complicada Prova da III Divisão, assim como também os quatro «aparelhados» finalistas da grande Ronda Preliminar da Taça de Portugal — que tem unido a selecção a representação dos respectivos grupos para a segunda fase à iniciar logo depois de acabados os Nacionais.

Em último lugar, isto é, na «terceira classe» esglaboremos os desafios em que tomavam parte os quatro clubes que se encontram na zona perniciosa — e que por sinal foram todos derrotados nos campos dos adversários respectivos: — o Olhanense perdeu por 1-3 em Elvas; — o Braga perdeu por 1-6 no Estoril; — a Académica perdeu por 1-5 em Vila Real de Santo António; e — o Vitória de Setúbal perdeu por 2-5 com o F. C. do Porto, em jogo realizado na Constituição a meio da semana (visto no domingo os campeões da Invasão Cidade terem recebido a visita dos espanhóis do Valência, por quem foram vencidos por 1-3... inesperadamente!).

Os clubes situados na parte mais baixa da tabela actuaçã amanhã nos seus campos — e é muito natural que dos respectivos comportamentos possam surgir indicações preciosas acerca do futuro que lhes está reservado. Por isso, os jogos a disputar em Coimbra, em Braga, em Setúbal e em Olhão devem ser aguardados pelos respectivos adeptos com tanta ansiedade como o «clerby» Benfica-Sporting.

O Belenenses-Estoril também será luta de grande cartaz — restando o Porto-Vitória de Guimarães como o «único jogo de relativo» desinteresse actual.

Um do norte... outro do sul. A «poule final» da II Divisão iniciou-se com vitórias dos clubes proprietários dos campos onde se realizaram os dois encontros da tarde. Na Covilhã, o Sporting local (representante da Zona Norte) deu a vitória por 4-1 a Cuf do Barreiro, 1.ª classificada da Zona Sulista. Mas no Barreiro, o glorioso Barreirense (2.º do Sul) bateu por 4-0 o aquerdido Famacal (2.º do Norte).

Estes resultados não admiraram quanto aos triunfos em si mesmos, se bem que fosse um tanto ou quanto de estranhar a nitidez numérica dos «scores».

Para amanhã estão marcados os seguintes encontros: Cuf-Barreirense, e Famalicao-Covilhã, que oferecem a «novidade» de serem as «reprises» das lutas travadas nas poules eliminatórias.

Visue e Cova da Piedade em evidência. As «segundas mãos» das meias finais do Campeonato da III Divisão forneceram uma surpresa (no Fafe-Viseu) e uma confirmação de vaticínio (no Cova da Piedade-Desportivo de Faro).

Realmente, uma vez que os representantes da Associação de Setúbal tinham ido a Faro arrancar um empate a uma bola, era de esperar que no seu campo decidisse a seu favor a contenda — o que, de resto, aconteceu pela expressiva contagem de 5-1.

Mas o que seria tenebrismo prognosticador era a recuperação do Académico de Viseu perante a experimentalíssima turma do Sporting de Fafe, que levava uma vantagem de três bolas sem resposta. Afinal, porém, os rapazes da Beira Alta (com o grupo valorizado com reforços da última hora — um dos quais Eduardo Santos, o antigo guarda-redes da Cuf de Lisboa que estava agora «preso» pelo Belenenses...) lutaram com entusiasmo e conseguiram vencer por 4-0, classificando-se para a «finalíssima» da III Divisão pela margem exigida... mas bastante, de um golo apenas de diferença!!!...

De facto, tendo derrotado o Leixões Sport Club (representante da Associação de Futebol do Porto) os juniores da «Briosa» asseguraram a sua presença na «final» do respectivo Campeonato Nacional desta época. Os estudantes de Coimbra, portanto, já podem vir a ser os campeões de tal categoria...

O CAMINHO DO TRIUNFO. INSTITUTO PORTUGUÊS DE COMÉRCIO. UM LIVRO QUE LHE INDICARÁ A MANEIRA FÁCIL DE SE TORNAR UM ÓPTIMO GUARDA-LIVROS SEM SAIR DE SUA CASA. PREENCHA, CORTE E REMETA ESTE CUPÃO.

De todos os desportos

Registo e perspectivas da semana

Por JOSÉ ILHARCO

Bom resultado do andebol português

O andebol, modalidade que pode vir a alcançar posição de muito relevo, conseguiu domingo último, em Barcelona, um resultado digno.

Consentindo embora o seu primeiro resultado não vitorioso frente a grupos estrangeiros, a selecção de Lisboa, com 6-6, em pleno campo de Las Cortes, confirmou a sua boa categoria, ao mesmo tempo que não desmentiu aqueles que antolham para a modalidade um valor internacional lisonjeiro para o desporto português.

O próprio facto de o empate em Barcelona ter surgido mercê de recuperação notável da equipa de Lisboa, mais confirma esta impressão, pois demonstra confiança nos próprios recursos — e isso é indispensável, sempre, para quem quer triunfar.

Chamados que sejam os jogadores do Norte, a equipa ficará habilitada a defender as cores nacionais com galhardia nos próximos campeonatos mundiais.

Portugal-Espanha em basquetebol, no dia 3 de Maio. Portugueses e espanhóis vão mais uma vez encontrar-se nas lutas de final do desporto. Trata-se, desta feita, do Portugal-Espanha de basquetebol — jogo aguardado com vivo interesse pelos desportistas dos dois países.

Os espanhóis, concorrentes na modalidade, nos Jogos Olímpicos de Londres, empreenderam negociações com diversos grupos estrangeiros para preparação do seu «cinco» (que são dez) representativo.

Para sua vez, Portugal, longe embora de Londres, encara o encontro com os espanhóis como etapa séria duma actividade internacional que cada vez deve ser mais progressiva. E, para isso, prepara também com cuidado a sua equipa.

O Campeonato Nacional, em curso com extraordinária expectativa, foi suspenso para que essa preparação pudesse fazer-se em ordem aos planos do seleccionador. Oxalá que o dia 3 de Maio marque, realmente, passo decisivo no caminho — único caminho! — que os portugueses de basquetebol como dos outros desportos, terão de percorrer para se colocarem ao par dos outros povos.

Não único jogo do Campeonato Nacional que se disputou depois daqueles de cujos resultados já demos conta aos nossos leitores, o Fluvial arrancou sensacional triunfo sobre o Vasco da Gama — o favorito da competição.

Em uns dez minutos finais de jogo decisivo, os rapazes do Fluvial tornaram-se justos vencedores pela marca de 25-23.

O Campeonato só recomeça depois do dia 3 de Maio. Alfredo Ferraz — um português campeão do mundo. O brilhantíssima carreira de Alfredo Ferraz em anos e anos de prática de bilhar é das que mais legitimamente podem constituir motivo de orgulho para um desportista.

Campeão do Mundo de partida livre, Alfredo Ferraz é já figura indispensável em todos os torneios internacionais de bilhar — seja em que especialidade for.

Ainda recentemente, em Paris, o valoroso jogador alcançou posição de muito relevo, classificando-se em terceiro lugar no Campeonato do Mundo do quadro de 7/7, à frente de 7 brilhantes internacionais de classe internacional.

Parabéns a Ferraz — e a nós todos! Mais um campeão de Lisboa em ciclismo. A Associação de Ciclismo do Sul prosseguiu com a disputa dos seus campeonatos regionais de fundo.

Terminou o Torneio da primavera do Sport Algés e Dafundo

Reuniu cerca de 40 concorrentes o torneio de natação que o Algés e Dafundo, à semelhança dos anos anteriores, promoveu entre os seus associados.

Das quatro dezenas de nadadores, apenas, ao cabo das três jornadas da prova, se classificaram 24 e, dentre eles, merecem referência especial Eduardo Barbeiro e Fernando Madeira.

No conjunto, os resultados não foram famosos, mas nem por isso se deve reconhecer menos utilidade ao «Torneio da Primavera».

Antes pelo contrário. O Grupo Desportivo do Estoril Praia realizou também um torneio na sua piscina, com provas distribuídas por sábado e domingo. Boa concorrência de nadadores, festivais animados e alguns resultados interessantes, com relevo para Luís Soares de Oliveira e Artur Mendes da Silva.

Terminou ontem a Taça de Honra de Oquei em Patins. Deve ter ficado ontem à noite concluída a disputa da Taça de Honra de Oquei em patins — a menos que os resultados verificados, e que, compreensivelmente, não podem publicar, sejam de molde a forçar jogos de desempate.

Mas os nos enganamos muito ou o Paço de Arcos arrecadará novo triunfo. E no dia 26 começa o Campeonato de Lisboa, desta vez com os jogos nos campos dos clubes concorrentes.

Está bem que assim seja — para prêmio, ao menos, das desinteressadas massas associativas respectivas. Era isto hom, no entanto, que por essas terras da linha de Sintra e de Cascais existissem pequenos «pavilhões de desportos»!

Vário. — Benfica e Sporting voltaram a organizar torneios internos de atletismo, com resultados apreciáveis nas diferentes provas.

— Para o Campeonato de Lisboa de Ráquebi o Belenenses venceu o Benfica, no último domingo.

— Encontrar-se em Portugal o professor belga de patinagem artística A. Eulaers que, coadjuvado pela sua discípula Fernanda Van Aken — que o público já teve ocasião de admirar no Pavilhão dos Desportos — dará lições da interessante modalidade a quantos se interessarem para isso. As lições efectuar-se-ão todos os dias, das 16 às 19 horas; e das 21 às 24 — sempre que não se disputem provas oficiais naquela sala.

JOE LOUIS É PORTUGUÊS?

A notícia deu-a um diário lisboeta, mas parece que não teve a repercussão que costumam ter as notícias sensacionais: Joe Louis, o famoso negro, campeão mundial de box, da categoria dos pesados, seria de origem portuguesa e chamar-se-ia, muito portugalmente, José Luis Barros.

Seus pais seriam caboverdeanos que teriam emigrado para a América, onde Joe Louis teria nascido, americanizando-lhe os pais o nome.

A voz dos nossos camaradas

A propósito do caso de Joaquim Caramelo de Almeida, da Covilhã, a que fizemos referência nesta secção, no jornal do dia 3 do corrente, rece-

b) a grande aglomeração de beneficiários (18.000 nesta Caixa) com a agravante de nem sempre usarem o mesmo nome, acarreta aos serviços graves dificuldades. Enquanto não estiverem todas resolvidas, o que levará o seu tempo — um erro ou outro, serão inevitáveis. Qualquer reclamação é, porém, imediatamente atendida, como verificamos.

c) os sindicatos nem sempre actuam nestes casos, partindo do princípio da ignorância em que se encontram, por falta de cultura, muitos dos seus associados.

O caso de Joaquim Caramelo de Almeida não toma portanto o aspecto de desleixo que lhe atribuímos e que se deduzia naturalmente da troca de correspondência: dois nomes, duas fichas, demora na reclamação do beneficiário, excessiva aglomeração de serviço e de reclamações.

Comprovando tudo isto pelos nossos próprios olhos, queremos agradecer os esclarecimentos que nos foram dados, e que nos apressamos a tornar públicos por amor à verdade, à justiça, e à correcção.

Resumindo, da exposição e da visita que fizemos à Caixa, onde nos foram facilitados todos os elementos, chegámos às seguintes conclusões:

a) são possíveis erros de serviço em virtude da má identificação dos beneficiários e da ignorância em que, por vezes, se encontram dos seus di-

Parece-nos que há necessidade de que os muito pobres deixem de ser, conseguindo também obter um peculiozinho, embora modesto, de forma a que todos os homens possam gozar um pouco da possível felicidade terrena, num ambiente de amizade e de moralidade. E, provavelmente, é este o grande pensamento e

pondo de partida das aspirações dos sócios daquela Empresa. Catechismo outras Empresas e alguns patrões que já tomaram iniciativa semelhante: oxalá que as boas-vontades neste e em idênticos sentidos se vão multiplicando a bem dos trabalhadores portugueses e da própria Nação.

A. CARVALHO

De um operário a outro operário

Ninguém hoje é nem pode ser indiferente ao que se passa no mundo. Os factos têm consequências que chegam a todos os ouvidos, são descritos em linguagem tão clara que todos entendem, e as conclusões que tiramos são as piores. E quando perguntamos de quem é a culpa, a resposta não é bem definida... mas uma tristeza imensa nos invade o espírito. Percebemos distintamente que egoísmo e ódio é o que traz o mundo em alvoroço, uma guerra surda a fazer cair a desgraça sobre tantos países a quem rouba a paz, a alegria, a esperança e a liberdade!

Não sabemos, amigo, para onde caminhamos. Os destinos dos homens continuam a desafiar a bondade divina, e isto é o pior sintoma de um futuro para recear. E é porque os homens deturpam os objectivos de Deus que tanto se faz sentir o ódio de uns e o egoísmo de outros, causadores de tantas vítimas inocentes a quem só preoccupa a vida honesta do trabalho.

Temos de ser oposição àqueles sentimentos, alimentar em nós em vez de egoísmo amor ao trabalho e espírito de camaradagem: em vez de

«O TRABALHADOR» É VENDIDO EM:

- Alenquer, por D. Caçilda Granada
— Amadora, por Joaquim Catarino
— Azambuja, por António Fernando
— Barcelo, por Tabacaria Internacional
— Braço de Prata, por José J. Capucho
— Cacém, por Alfredo da Cruz
— Cailhas, por Domingos Ferreira Matos
— Carcavelos, por Carlos Augusto de Oliveira
— Carregado, por A. Violante
— Carvalhal do Sal, por António J. Fernandes, Filho
— Cascais, por Duarte & Messias
— Castelo Branco, por José Vidal Sestay
— Costoing, por António Martins Araújo

tar-fé. Depressa muda a scamilha-gem enganadora, mas já o tolo é presa e tem de ser de obediência cega, verdadeiro joynete de uma vontade que não é a sua.

Precisamos de precaver-nos contra o perigo que nos rodeia e sentimos como vento anunciador de tempestade sibilar-nos ao ouvido.

Só nos interessa a ordem e o trabalho! Podemos e devemos ser exigentes dentro dos nossos princípios cristãos que requerem, para quem trabalha, o justo salário e o essencial de comodidades para a família. Mas não precisamos nem queremos outros princípios que não têm nem mais autoridade nem tratam com mais zelo dos nossos direitos.

Demos, pois, de mão aos que pretendam dizer-nos o contrário em linguagem de sbota a baixo denunciadora da ignorância do valor das ideias e das acções.

Olha um exemplo: Há tempo presenciei, e comigo outras pessoas, uma conversa entre dois operários de idades diferentes, num á vontade tal que chegou a provocar reparos e poderia ter atingido outras proposições se o bom senso do mais velho não subsebe enveredar por considerações cheias de prudência:

Um defendia que a «coisa» só se enredava em certos países com a lição prática vivida por outros... O mais velho, depois de ouvir longo tempo aquele arrasado repetido entre risos a esconder maldade, respondeu-lhe, como que não fazendo caso do que se passava:

— Mas que li, porque não aplicas ao teu filho, para o meteres na ordem, o remédio que fulano dá ao filho dele todos os dias, dando-lhe cabo do canastro com pancada!

— Não simpatizo com a educação pela violência, prefiro antes persuadir e poderia ter atingido outras proposições se o bom senso do mais velho não subsebe enveredar por considerações cheias de prudência: Um defendia que a «coisa» só se enredava em certos países com a lição prática vivida por outros... O mais velho, depois de ouvir longo tempo aquele arrasado repetido entre risos a esconder maldade, respondeu-lhe, como que não fazendo caso do que se passava:

— Mas que li, porque não aplicas ao teu filho, para o meteres na ordem, o remédio que fulano dá ao filho dele todos os dias, dando-lhe cabo do canastro com pancada!

— Não simpatizo com a educação pela violência, prefiro antes persuadir e poderia ter atingido outras proposições se o bom senso do mais velho não subsebe enveredar por considerações cheias de prudência: Um defendia que a «coisa» só se enredava em certos países com a lição prática vivida por outros... O mais velho, depois de ouvir longo tempo aquele arrasado repetido entre risos a esconder maldade, respondeu-lhe, como que não fazendo caso do que se passava:

— Mas que li, porque não aplicas ao teu filho, para o meteres na ordem, o remédio que fulano dá ao filho dele todos os dias, dando-lhe cabo do canastro com pancada!

TRIBUNA OPERÁRIA

GRATIFICAÇÃO ANUAL AOS OPERÁRIOS E EMPREGADOS

Uma iniciativa de grande alcance económico-social tem sido a efeito no uma importante casa industrial de Coimbra, na parte que diz respeito à gratificação anual aos operários e empregados. É uma casa que, como fomos informados por um proprietário digno de crédito, não só paga bons salários, mas cujas gratificações são de 2, 3, 5, 7 e mais contos distribuídos anualmente.

Ora isto é, quanto se pode chamar uma casa ideal, com dirigentes dignos dos melhores encónios, assim como os próprios sócios, que aceitam e aprovam uma medida tão importante para a vida dos seus servidores.

Se todos os patrões tomassem a iniciativa de auxiliar os operários e empregados, gratificando-os anualmente na medida dos seus lucros, diminuiriam bastante as dificuldades em muitos lares. Para nós não tem acção aquela fração pouco ou nada honrosa de: «os operários não sabem governar o dinheiro», pois se há operários capazes de, numa hora, gastar a fêria em coisas sem proveito para si e para os seus, também não deixa de os haver que sabem governar o que é seu, e o que lhes custa a adquirir durante seis ou mais dias de trabalho.

Os operários e empregados, gratificados com as importâncias acima descritas, ao fim de duas ou três dezenas de anos conseguem amalhar um pecúlio importante, que lhes dá ocasião de virem a ser proprietários. Esta justa recompensa pode, quando bem aproveitada, levar muitas pessoas a muito melhores condições de vida.

Quando a nós, a iniciativa da gratificação deve assentar arraisais no comércio, na indústria e até na própria agricultura.

A Empresa a que nos reportamos, sem o proclamar aos quatro ventos, combate, assim, as ideias que visam prejudicar a sociedade e o próprio país. E fá-lo com medidas sociais que têm por fim dignificar a pessoa humana, honrando o seu trabalho. Todos os trabalhadores ao serviço daquela empresa podem considerar-se sócios sem capital empastado, pois no fim do ano recebem o produto do seu esforço físico e da sua boa-vontade pessoal.

SÁBIOS E... BAILES

Sêneca, um dos maiores filósofos pagãos da antiga Hispânia, disse que os bailes efeminam e corrompem o coração.

Plácido, o maior historiador romano, dizia que os bailes são a perverção do gosto e a lenha para o incêndio dos sentidos.

Virgílio, o maior poeta latino, escreveu que nos bailes está a cegueira dos homens e a perdição das mulheres.

Aprendamos economia

Por ABEL VARZIM

O PREÇO JUSTO

Escreve o Professor Defourny, no Compêndio que já aqui citei: «As leis dos preços não devem iludir-nos. Não significam que os preços se fixem numa maneira fatal, ou que a sua determinação, fugindo à acção livre e responsável do homem, escape a toda a regulamentação de ordem moral. As leis da oferta e da procura, as leis da concorrência e do monopólio como leis reguladoras dos preços, são abstrações. Por detrás delas, há homens que oferecem, homens que procuram, homens que se

fazem uns aos outros, mais ou menos, a concorrência, e aos quais, neste domínio da actividade como em qualquer outro, é preciso uma regra de proceder. A teoria do preço justo fornecerá essa regra».

O Professor Defourny justifica depois a sua maneira de ver com argumentos interessantíssimos que vamos limitar-nos a condensar.

Em primeiro lugar, diz ele, é preciso saber-se que as leis dos preços foram fixadas, partindo-se do princípio de que os homens, todos iguais,

procuram realizar no mercado o melhor negócio possível. Quer dizer, partiu-se de uma concepção abstracta do homem: o homem económico.

Mas o homem é dotado de uma unidade substancial. Em cada uma das suas actividades, compromete toda a sua personalidade. Ora o homem é acessível à compaixão, à simpatia, à ideia religiosa, à ideia do dever, ao patriotismo e muitos outros sentimentos que podem conter o seu egoísmo e moderar o ardor com que procura a riqueza. As leis dos preços não têm portanto rigidez de ferro. Mesmo que a tivéssemos, é preciso não esquecer também que as leis reagem conforme as condições que se lhes fornecem. Mesmo que os homens processassem levados sempre pelos mesmos sentimentos do maior interesse, ainda assim permanecem livres de influenciar na vida económica. Exemplifiquemos.

Os homens podem, pelo menos em certa medida, aumentar ou diminuir a produção, e o seu próprio consumo. Logo podem fazer variar os preços. Um só não, mas coligando-se, entendendo-se uns com os outros, podem os produtores diminuir a oferta e assim aumentar os preços, como podem lançar-se na concorrência e fazer assim baixar os preços. Tudo isto está na esfera das possíveis actividades humanas, e portanto, as leis económicas são dependentes até certo ponto da vontade dos homens. A bem dizer, até poderíamos aceitar o princípio de que os homens podem fixar os preços, mais altos ou mais baixos, conforme a sua vontade.

Para o operar nestas actividades, é que será bom estudar os princípios em que deve assentar a teoria do preço justo, para não ficar o preço das mercadorias ao jogo livre dos caprichos ou ambições de alguns homens. É o que vamos ver no próximo número.

JUSTIÇA SOCIAL

«Ai do que alude que uma verdadeira sociedade nacional inclui a justiça social e exige uma equitativa e conveniente participação de todos nos bens do país! Porque, de outro modo, já vedes que a nação acorda, já vedes que a nação acorda, já vedes que a nação acorda...»

«...conscientes e convencidos da sagrada responsabilidade (do cristão), não vos conformeis, do fundo da vossa alma, com aquela geral mediocridade pública, dentro da qual a maioria dos homens não podem observar os preceitos divinos, sempre e em todo o caso involuntários, senão com actos heroicos de virtudes.»

(Discurso no 50.º aniversário da «R. N.»)

S. S. PAPA PIO XII

(Cit. na Pastoral do Bispo das Canárias apud Ecclesia de 21-III-95)

S. S. PAPA PIO XII

A nossa posição

(Continuação da 1.ª página)

Desejamos, portanto, Veneráveis Irmãos, que cada vez mais seja ilustrado pela palavra e na imprensa este divino preceito, senão precisa de reconhecimento dada por Cristo aos seus discípulos; preceito que nos ensina a ver nos tristes sem ventura como que a Jesus Cristo, e nos manda amar os nossos irmãos como Cristo amou os homens, até ao sacrifício dos bens e da vida, se preciso for. Meditem pois todos, e muitas vezes, aquela sentença, por um lado de terror e por outro de confiança, que o Supremo Juiz lerá no último dia: «Vinde, benditos de meu Pai... porque tive fome e destes-me de comer; tive sede e destes-me de beber... Em verdade vos digo, que todas as vezes que o fizerdes a um de meus irmãos, por mais humilde, foi a Mim que o fizerdes» (S. Mateus, XXV, 34-40) e por outro lado: «Afastai-vos de Mim, malditos, para o fogo do inferno... tive sede e não me destes de beber... Na verdade vos digo: todas as vezes que o não fizerdes a um dos meus pequeninos e destes-me de comer; tive sede e destes-me de beber... Em verdade vos digo, que todas as vezes que o fizerdes a um de meus irmãos, por mais humilde, foi a Mim que o fizerdes» (S. Mateus, XXV, 41-45). Para assegurar, portanto, a vida eterna e poder socorrer eficazmente os indigentes, é necessário absolutamente regressar a vida mais modesta, renunciar aos prazeres immodestos, tanto em prática hoje no trabalho, e aspirar-se de si para pensar no próximo. Virtude divina de regeneração contém este «preceito novo» (como lhe chamou Jesus Cristo) de caridade cristã (S. João, XIII, 34), cuja lei observância infundirá nas corações doce paz desconhecida no mundo, sendo capaz de curar o género humano dos males de que enferma.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

que cairão sobre vós; as vossas riquezas apodreceram e a traça cou de os vossos vestidos; a ferrugem levou os vossos ouro e prata, e ela mesma dará testemunho contra vós, e como fogo devorará as vossas carnes. Acumulareis tesouros de ira para os últimos dias...» (S. Tiago, V, 1-3).

Alas também os pobres, embora esforçando-se segundo as leis da caridade e da justiça, por adquirir o necessário e melhorar a sua situação, eles mesmos devem ser «pobres em espíritos» (S. Mateus, V, 3), tendo mais em conta os bens espirituais que os bens e gozos terrestres.

Ainda mais importante, como remédio do mal que tratamos, (remédio que se ordena precisamente a curá-lo), é o preceito da caridade. Palamos daquela caridade cristã, «paciente e benigna» (I. Coríntios, XIII, 4), que rejeta de si todo o espírito de vanglória e de vil tutela, odiosa e opressiva da dignidade do próximo; da caridade que, desde a origem do Cristianismo, ganhou para Cristo os pobres, os escravos. Por isso, estamos singularmente gratos para com todos que nas obras de beneficência, desde as conferências de S. Vicente de Paulo até às grandes recentes organizações de assistência social, exerceram e exercem as obras de misericórdia corporais e espirituais. Quanto mais os operários e pobres experimentarem em si próprios aquilo que por eles faz o espírito de caridade aceso no amor de Cristo, tanto mais convictamente irão depondo os preconceitos de que o Cristianismo perdeu a sua eficácia e Igreja protege os que abastamente exploram o trabalho.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

que cairão sobre vós; as vossas riquezas apodreceram e a traça cou de os vossos vestidos; a ferrugem levou os vossos ouro e prata, e ela mesma dará testemunho contra vós, e como fogo devorará as vossas carnes. Acumulareis tesouros de ira para os últimos dias...» (S. Tiago, V, 1-3).

Alas também os pobres, embora esforçando-se segundo as leis da caridade e da justiça, por adquirir o necessário e melhorar a sua situação, eles mesmos devem ser «pobres em espíritos» (S. Mateus, V, 3), tendo mais em conta os bens espirituais que os bens e gozos terrestres.

Ainda mais importante, como remédio do mal que tratamos, (remédio que se ordena precisamente a curá-lo), é o preceito da caridade. Palamos daquela caridade cristã, «paciente e benigna» (I. Coríntios, XIII, 4), que rejeta de si todo o espírito de vanglória e de vil tutela, odiosa e opressiva da dignidade do próximo; da caridade que, desde a origem do Cristianismo, ganhou para Cristo os pobres, os escravos. Por isso, estamos singularmente gratos para com todos que nas obras de beneficência, desde as conferências de S. Vicente de Paulo até às grandes recentes organizações de assistência social, exerceram e exercem as obras de misericórdia corporais e espirituais. Quanto mais os operários e pobres experimentarem em si próprios aquilo que por eles faz o espírito de caridade aceso no amor de Cristo, tanto mais convictamente irão depondo os preconceitos de que o Cristianismo perdeu a sua eficácia e Igreja protege os que abastamente exploram o trabalho.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeitamente a caridade cristã que fazem dela uso quotidiano de vida.

De verdade, quando de um lado vemos essa turba inúmera de indigentes, por várias causas de que não são responsáveis, verdadeiramente orimidos de miséria extrema, e do outro, ao lado desses, tantos que gastam, locamente, no prazer e em coisas inúteis, semos fabulosas, então nós podemos deixar de confessar, com dor profunda no peito, que nem todos observam honestamente a justiça, nem compreendem tão perfeit

Alguns dos antigos e habituais leitores desta secção deixaram, inexplicavelmente, de concorrer a este nosso segundo concurso. Falta de tempo ou falta de jeito? Nem uma nem outra coisa são pretexto para não concorrerem.

Os mais belos olhos na escuridão tornam-se tão inúteis como uma pistola descarregada.

Falar sem pensar, é atirar sem apontar.

Sem dinheiro do próximo não se poderia viver.

A experiência que nos faz falar nunca é tão boa como a que nos faz calar.

A mulher cuida das unhas como o guerreiro cuida das armas.

O tempo é o preço da eternidade.

Só junta tostões quem poupa reais.

A truta e a mentira quanto maior melhor.

Quem tem cabeça de cera não deve pôr-se ao sol.

Se quer sorrir...

A mesa do restaurante

A mesa dum restaurante estavam sentados alguns indivíduos que, depois de bem lantarem, desenferujavam a língua em conversa amena, à excepção de um que estava calado.

Um dos faladores, que estava em frente do silencioso disse-lhe: — Está tão calado, amigo! Olça cá: que distância haverá entre você e um asno?

— A largura desta mesa, respondeu o interrogado.

Responda se sabe...

(...e se não souber leia um das próximas números).

1) Sabe como se chamam os habitantes de Jerusalém?

a) Que quer dizer a palavra «omnibus» (ou abreviatura bus) que se emprega nalguns países para significar comboio ou carro eléctricos?

3) Sabe qual é o comprimento dos nossos intestinos?

4) Sabe porque foi que se deu o nome de Açores a um dos nossos arquipélagos?

5) Sabe o que é holotúria? E o que é um rorcual? E um quibarte? E que são odonócticos?

6) Sabe o que é dexia?

7) O que caracteriza a angina do peito?

Opiniões

Os vivos fecham os olhos aos mortos; e os mortos abrem os olhos aos vivos.

recta de vida, no consciencioso cumprimento dos deveres sociais. Assim se obvia àquela incoerência na vida cristã, de que por mais de uma vez Nos queixámos, pela qual alguns, sendo aparentemente cumpridores de seus deveres religiosos, no campo do trabalho, ou da indústria, ou do profissional ou no comércio, ou no emprego, ou por deplorável duplicidade de consciência, levam vida em contradicção com as normas da justiça e caridade cristã, dando grande escândalo e oferecendo a muitos pretextos de rejeição a doutrina e até a própria Igreja.

Pode contribuir poderosamente para esta restauração cristã a imprensa católica, que pode e deve propagar de maneira cativante a doutrina social cristã, informar sobre a actividade dos inimigos com profusão e justa medida, referir os meios de combate usados mais eficazmente em certas regiões e propor, finalmente, os meios oportunos de defesa contra as maquinações perversas e astutas dos comunistas, dirigidas, como já para os atrair, a si, a homens de boa fé.

g) Oração e penitência

Mas, esse o Senhor não for o guarda da cidade, em vão vigia aquele que a guarda» (Salmo 126, 1).

Por isso, como último e poderosíssimo remédio, veementemente vos exortamos, Veneráveis Irmãos, a renovar nas vossas dioceses, o espírito da oração constante, cada vez mais ardente e aliado ao da penitência cristã. Como os apóstolos perguntassem ao Divino Salvador porque é que não puderam libertar um endemoninhado do espírito maligno, responderam-lhes: «Elementos desta terra não se expulsam senão com muita oração e jejuns» (Mateus XVII, 20). Também hoje os males que apertam a humanidade no garrote da teoforia, não poderão ser vencidos senão com uma universal cruzada de oração e penitência; e, por isso, instamos suplicantemente com as ordens contemplativas, masculinas e femininas, que redobrem as suas orações e sacrificios impetrando do céu sobre a Igreja valeroso auxílio para as lutas presentes, por meio da poderosa intercessão da Imaculada Virgem Maria, que, como outrora esmagou a cabeça da serpente antiga, assim agora e sempre é seguro e invencível presidio e Auxílio dos cristãos.

3.º Católicos portugueses

Será, porém, adaptada a Portugal esta doutrina de Pio XI? Eis o problema. Há quem afirme ter o Estado resolvido a questão social. Sabemos no entanto que, para além do muito já feito, está muita coisa por fazer, e que a questão social não pode ser resolvida apenas pelo Estado. O problema social é, sobretudo, uma questão económica, e, sobretudo, um problema moral. O Estado pode e deve resolver a questão económica. Não pode solucionar o problema moral. Esse é no intimo das consciências que se debate. E a chave das consciências nem toda a gente as possui. O erro está em julgarem alguns que as consciências se movimentam com decretos. Salvo erro da nossa parte, o problema social português põe-se com estes dados:

a) A riqueza nacional não se encontra equitativamente distribuída;

b) Se, porém, o Estado a distribuir equitativamente, nem por isso se resolve a questão social, porque a riqueza nacional está longe de chegar para elevar suficientemente o nível de vida do povo àquela média em que a virtude se torna possível e exigível;

c) Mas a riqueza não é maior por dois motivos: falta de preparação técnica industrial, e fraco rendimento do trabalho. Vejamos esta segunda causa da nossa pouca abundância.

d) O fraco rendimento do trabalho provém de duas causas essenciais: deficiência técnica do operário, e seu desinteresse pelo rendimento do trabalho. A deficiência técnica pode corrigir-se com aquilo que ainda se não fez a sério: orientação profissional e aprendizagem. Os sindicatos que têm sido apenas de reivindicações de salários e de seguro social, descuraram a preparação profissional dos seus associados, que seria o meio mais eficaz de aumentar os salários.

O regime de salário puro e simples está hoje condenado pela experiência industrial em quase todo o mundo. Além do salário-horário, o trabalho à tarefa é um estímulo que tem dado excelentes resultados para ambos os colaboradores da em-

Num ministério

— O sr. director geral está no gabinete?

— Sim, senhor, mas quando está não recebe ninguém.

O outro distraído: — Então nesse caso volto cá quando não estiver.

Gutenberg e a Imprensa

A arte de multiplicar os originais ou as cópias dum mesmo livro — Imprensa — foi descoberta em meados do século XV.

A base da Imprensa é a mobilidade e fundibilidade dos tipos.

Os Chineses e os povos da Europa não conheceram nunca outros meios de reprodução, senão os que serviam para obter estampas tipográficas, isto é, produzidas por granchetas da madeira gravadas.

Cerca de 1450, quarenta e dois anos antes da descoberta da América, é que se imaginaram tipos e a sua fundição.

Foi Lourenço Coster, artista holandês, quem inventou em Harlem, na presa (operário e industriais), mesmo entre nós, onde tem sido aplicado. Mas, para além deste estímulo, existe um outro, preconizado por Pio XI na Quadragésimo Anno (1931) e já experimentado sob diversas fórmulas em vários países com não menos excelentes resultados: o contrato de sociedade, isto é, o encaminhamento para a congerência e a compropriedade das empresas.

A causa moral, que de longe vem, filia-se na discristianização progressiva das massas, proveniente do mau exemplo de muitos que se dizem cristãos e não cumprem o essencial do cristianismo: a justiça, a fraternidade, e amor dos irmãos, a verdade, etc., na propaganda materialista feita por vários sectores da opinião portuguesa, e na miséria familiar (falta de lar e baixo nível de vida) que torna difícil a prática da virtude.

O problema português é diferente do problema belga, americano ou francês. Mas também cá existe um problema social a resolver e não o pode resolver apenas o Estado, mas, porque ele é amplo de mais, há-o de elaborar todos na sua resolução: Estado, forças morais, operariado e industriais.

Vendo assim o problema, não podemos deixar de afirmar que ele está ainda longe da solução, pois só se encarou até hoje sob um dos seus aspectos: o aspecto material de salário, seguro social, e, em parte, habitação e distrações.

E em face deste problema que nós surgimos, tentando dar o nosso esforço para a sua solução. Mas em que bases?

Ficámos de dar, num dos números anteriores, breves explicações sobre criptografia.

Além do elemento grego grafia já conhecido dos leitores, que significa escrita, há nesta palavra outro, também grego (do verbo egypto) que quer dizer esconder. Criptografia será, pois escrita de sentido oculto.

São grandes as aplicações da criptografia, especialmente na guerra e na diplomacia — a chamada cifra.

A polícia também precisa de saber rudimentos de criptografia.

Na Faculdade de Direito há um curso de criptografia, associada, se não estamos em erro, à de Medicina Legal, que os legisperitos têm de conhecer. Trata-se duma ciência complexa, mas de utilidade.

Nós cententamo-nos com um exemplo conhecido: é o chamado algarismo dos comerciantes. Estes indicam, por letras, o preço por que podem vender um artigo, ao lado do preço por que o compraram.

Vou relatar um caso pessoal, ocorrido há pouco tempo. Discutia com o meu merceiro o preço duma garrafa de vinho do Porto, pela qual me pedia 25500. Depois largava-me por

meira metade do século IV, o processo de impressão com tipos feitos de metal fundido num molde, processo depois aperfeiçoado por João Gutenberg, natural de Mogúncia, onde nasceu em 1440.

Conseguira Gutenberg gravar letras metálicas móveis; mas restava achar um metal ou liga para a multiplicação das mesmas e para o uso a que eram destinadas. O ferro era duro demais, porque furava o papel; o chumbo, demasiado brando, não resistia ao embate da prensa; a madeira não tinha a força nem a duração precisas; portanto, necessário se tornava achar uma liga de certos metais com a qual se fabricassem tipos convenientemente consistentes e susceptíveis de ser fundidos em moldes.

HORIZONTAIS — 1 — Adail; Brear. 2 — Pisa; Arunda. 3 — Ora; Afumais. 4 — Leporino; AA. 5 — Oira; Aire. 6 — Sora; Roca. 7 — Lima; Sota. 8 — IF; Serranas. 9 — Tratado; Oca. 10 — Aurora; Amar. 11 — Lousa; Arama.

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 15

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

Grid for crossword puzzle with numbers 1-11 indicating starting positions.

HORIZONTAIS: 1 — Retroceder. 2 — Deslustrar; nome feminino. 3 — Incumbre; gítem. 4 — Terra portuguesa do ultramar; exame de cada parte de um todo. 5 — Dormir (f.a.n.); desenvolveram. 6 — Afara. 7 — Repenarica; Doutor. 8 — Dera com a explicação; castigo (ant.). 9 — Terreno onde crescem árvores silvestres; fazer sofrer. 10 — Corte feita na antiga pena de escrever; lançaria. 11 — Vendedores de peles de ovelha.

4.º Católicos políticos?

O problema social português tem de ser resolvido por todos, e mais depressa se resolverá quando todos se decidirem a colaborar na sua solução honesta. Republicanos e monárquicos, católicos ou indiferentes religiosos, todos, se o quiserem, podem contribuir para a melhoria da situação.

Daqui se pode concluir que não vimos fazer oposição ao Estado Novo nem apregoar-lhe as virtudes quando pomos os problemas como a nossa consciência e a nossa inteligência nos dizem que os ponhamos, quando criticamos ou quando aplaudimos.

Obedecendo à autoridade legitimamente constituída, e ensinando esta mesma obediência aos outros, dentro das regras do direito natural que faz do Homem o fim do Estado, nós acreditamos que no Estado Novo se pode resolver o problema.

ARMÁRIO PRÁTICO

Comprar um armário custa muito dinheiro...

Mas onde havemos de arrumar os vestidos e fatos para não ficarem ao pé?

RESPOSTA: Com um pedaço de madeira a que se pregam umas camareiras (conforme se vê na ilustração aqui junta) e uns metros de chita faz-se um armário prático, como vêem.

Composto e impresso na GRÁFICA BOA NOVA, LDA. Rua Morais Soares, 5-A a 5-D / LISBOA

VERTICAIS: 1 — Apolo; Vital. 2 — Diréis; Fruo. 3 — Asaprol; Aru. 4 — Ia; Oaristos. 5 — Ar; Ameara. 6 — Afia; Ard. 7 — Brunir; Ro. 8 — Rumorosa; Ar. 9 — Ena; Economo. 10 — Adia; Atacam. 11 — Rasar; Asara.

Solução do Problema n.º 13

HORIZONTAIS — 1 — Adail; Brear. 2 — Pisa; Arunda. 3 — Ora; Afumais. 4 — Leporino; AA. 5 — Oira; Aire. 6 — Sora; Roca. 7 — Lima; Sota. 8 — IF; Serranas. 9 — Tratado; Oca. 10 — Aurora; Amar. 11 — Lousa; Arama.

VERTICAIS: 1 — Apolo; Vital. 2 — Diréis; Fruo. 3 — Asaprol; Aru. 4 — Ia; Oaristos. 5 — Ar; Ameara. 6 — Afia; Ard. 7 — Brunir; Ro. 8 — Rumorosa; Ar. 9 — Ena; Economo. 10 — Adia; Atacam. 11 — Rasar; Asara.

Correspondência

«Ailêda» tem grande empenho em adquirir o livro «O mundo na mão». Haverá algum leitor que queira vendê-lo, visto não se encontrar nas livrarias?

Crianças: — A mamã está em casa? — Não está, não senhora. Foi ao campo.

— E sabes se demora muito? — Ela disse que só vinha ao meio-dia.

— E de tarde poderá voltar-lhe? — É a pequenita voltando-se para dentro.

— O mamã, que hei-de responder agora?...

ARMÁRIO PRÁTICO

Comprar um armário custa muito dinheiro...

Mas onde havemos de arrumar os vestidos e fatos para não ficarem ao pé?

RESPOSTA: Com um pedaço de madeira a que se pregam umas camareiras (conforme se vê na ilustração aqui junta) e uns metros de chita faz-se um armário prático, como vêem.

ARMÁRIO PRÁTICO

Comprar um armário custa muito dinheiro...

Mas onde havemos de arrumar os vestidos e fatos para não ficarem ao pé?

RESPOSTA: Com um pedaço de madeira a que se pregam umas camareiras (conforme se vê na ilustração aqui junta) e uns metros de chita faz-se um armário prático, como vêem.

Composto e impresso na GRÁFICA BOA NOVA, LDA. Rua Morais Soares, 5-A a 5-D / LISBOA

ALIMENTAÇÃO RACIONAL

Os feijões, ervilhas, favas, etc., (as chamadas leguminosas) são ricos em amidos, mas contêm além disso uma qualidade especial de proteína que, sendo embora menos rica do que a da carne e a do queijo, é um elemento valioso do nosso sustento.

Todas as chamadas «leguminosas», o feijão, as ervilhas, as favas, o grão, etc., são um elemento ideal para quem exerce um trabalho pesado que exige grande esforço muscular e consequente gasto de energias, pois contém grande percentagem de amido, matéria que produz energia. O feijão, por exemplo, pode formar a base da alimentação de quem exerce um trabalho pesado, mas não é um alimento completo.

As leguminosas quase não contêm gorduras. Por isso, as cozinhá-las, é costume juntar azeite, banha ou chourico gordão. E se não for possível juntar a quantidade necessária (mas não excedente) destas, as leguminosas deixam de poder alimentar satisfatoriamente.

As leguminosas são ricas em vitaminas, em especial as vitaminas B1 e B2, e C. Tratando-se de feijão, grão ou favas secas, devem ser postos de molho de véspera; não só porque assim custam menos a cozinhar, como também porque as vitaminas neste caso se tornam novamente activas para o organismo humano, enquanto não exercem acção nenhuma, se não houver o cuidado de fazer «sinchar» o feijão (ou grão, ou fava) antes de o cozinhar.

Algumas leguminosas, em especial as favas e as ervilhas, são especialmente ricas em sais de ferro e de enxofre, ambos essenciais para o sangue humano.

As leguminosas são um pouco indigestas para muita gente, devido à casca grossa em que são envolvidas e ao pouco cuidado em as cozinhar bem. Feijão ou grão cru são a coisa pior que se pode dar a uma criança! Mais vale não lho dar do que dar-lho mal cozido!

Além disso, se não for possível juntar à comida outra proteína (carne, chourico ou queijo) que complete o seu valor alimenticio, a quantidade de leguminosas que é necessário comer para satisfazer o organismo é tal, que sobrecarrega o aparelho digestivo e leva à prisão de ventre ou à diarreia, ou a outra perturbação digestiva.

Há crianças que não suportam a sopa de feijão ou grão, etc., nem o cozido dos mesmos. Nesse caso, experimenta-se dar-lhos em puré (esmagando o feijão ou grão, etc., depois de bem cozido, e retirando as cascas). Se mesmo assim lhe faz mal ao estômago, o melhor é desistir enquanto a criança não se fortaleça com outro qualquer alimento e até que o seu pequenino estômago se acostume a suportar este alimento mais pesado.

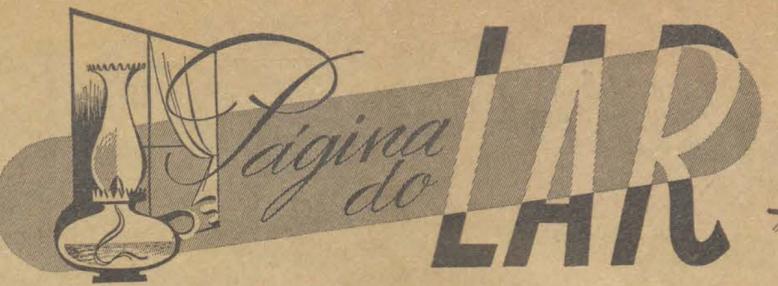
ARMÁRIO PRÁTICO

Comprar um armário custa muito dinheiro...

Mas onde havemos de arrumar os vestidos e fatos para não ficarem ao pé?

RESPOSTA: Com um pedaço de madeira a que se pregam umas camareiras (conforme se vê na ilustração aqui junta) e uns metros de chita faz-se um armário prático, como vêem.

Composto e impresso na GRÁFICA BOA NOVA, LDA. Rua Morais Soares, 5-A a 5-D / LISBOA



A difícil Arte de educar...

Cada palavra tem o seu sentido próprio. Educar quer dizer muito mais do que treinar uma criança a portar-se desta ou daquela maneira ou obrigá-la a seguir este ou aquele caminho traçado para ela pelos pais.

Educar é vigiar e orientar o desenvolvimento da criança feito para crescer dia a dia, hora a hora, no corpo e na alma.

A melhor maneira de educar é aproveitar e encaminhar as próprias tendências da criança. Assim, para fixar os hábitos do corpo e estimular a vida da alma, aproveitar-se-á a tendência natural da criança para imitar o que vê à sua volta, a sua ansia de se tornar útil às pessoas crescidas (para lhes ganhar o amor) e o prazer que tem em qualquer actividade.

A criança tem prazer em realizar por si o que vê fazer aos outros, sobretudo se desse modo ganha em dignidade e independência aos olhos das pessoas crescidas. Gosta de aprender a tratar de si, de lavar a louça, ajudar a fazer as camas de lavar, estregar e fazer as camas ao lado da mãe, de tratar dos seus meninos — que são, é claro, os bonecos — de ajudar na oficina do pai.

As coisas, sempre vigiada carinhosamente pela mãe ou pelo pai, ajudando a mãe ou o pai na vida diária (ou fingindo que assim faz...), tomando a seu cargo pequeninas tarefas, a criança aprende a tornar-se útil e aprende o jeito do trabalho — e, na medida em que se sente possuída de uma pequenina responsabilidade, e se sente acompanhada com carinho e confiança, é feliz, muito feliz.

Observe-se isto desde os primeiros anos: O pequenino de dez meses, a quem a mãe entrega a colher (quando-lhe emborra as mãozinhas) para ele comer



ARMÁRIO PRÁTICO

Comprar um armário custa muito dinheiro...

Mas onde havemos de arrumar os vestidos e fatos para não ficarem ao pé?

RESPOSTA: Com um pedaço de madeira a que se pregam umas camareiras (conforme se vê na ilustração aqui junta) e uns metros de chita faz-se um armário prático, como vêem.

ARMÁRIO PRÁTICO

Comprar um armário custa muito dinheiro...

Mas onde havemos de arrumar os vestidos e fatos para não ficarem ao pé?

RESPOSTA: Com um pedaço de madeira a que se pregam umas camareiras (conforme se vê na ilustração aqui junta) e uns metros de chita faz-se um armário prático, como vêem.

ARMÁRIO PRÁTICO

Comprar um armário custa muito dinheiro...

Mas onde havemos de arrumar os vestidos e fatos para não ficarem ao pé?

ARMÁRIO PRÁTICO

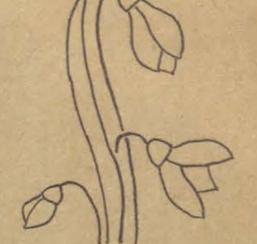
Comprar um armário custa muito dinheiro...

MAIS BORDADOS

Usando o «ponto pé de flor» (já ilustrado em número anterior) e ainda o «ponto a cheio» ou aquela mistura de «ponto a cheio» e «ponto de casca» que vem ilustrado ao lado do

primeiro, podem-se fazer lindos bordados.

Aqui juntamos um pequenino «motivo» para enfeitar os cantos de nappes ou cortinas, ou aventais (ou o que se quiser...) que fica muito bonito a uma ou mais cores.



perons ou cortinas, ou aventais (ou o que se quiser...) que fica muito bonito a uma ou mais cores.

S. O. S. AOS PAIS

Dizem para aí que não tendes direito de mandar nos vossos filhos, de lhes exigir obediência, de os educar e orientar para o bem e para o trabalho honesto...

Defendei-vos desses falsos sábios que vos falam com falinhas mansas e vos querem roubar os vossos filhos.

Tendes direito e dever de orientar os vossos filhos, depois de lhes ter dado vida.

OPINIÕES

Em via de regra, segundo observou um velho filósofo, mede-se a estatura moral dos homens pela importância das coisas que os irritam.

ARMÁRIO PRÁTICO

Comprar um armário custa muito dinheiro...

Mas onde havemos de arrumar os vestidos e fatos para não ficarem ao pé?

RESPOSTA: Com um pedaço de madeira a que se pregam umas camareiras (conforme se vê na ilustração aqui junta) e uns metros de chita faz-se um armário prático, como vêem.

ARMÁRIO PRÁTICO

Comprar um armário custa muito dinheiro...

Mas onde havemos de arrumar os vestidos e fatos para não ficarem ao pé?

RESPOSTA: Com um pedaço de madeira a que se pregam umas camareiras (conforme se vê na ilustração aqui junta) e uns metros de chita faz-se um armário prático, como vêem.

ARMÁRIO PRÁTICO

Comprar um armário custa muito dinheiro...

Mas onde havemos de arrumar os vestidos e fatos para não ficarem ao pé?

RESPOSTA: Com um pedaço de madeira a que se pregam umas camareiras (conforme se vê na ilustração aqui junta) e uns metros de chita faz-se um armário prático, como vêem.

ARMÁRIO PRÁTICO

Comprar um armário custa muito dinheiro...

ARMÁRIO PRÁTICO

Comprar um armário custa muito dinheiro...

O TRABALHADOR

NO MUNDO DO TRABALHO



A SITUAÇÃO O PROFISSIONAIS DAS COSTUREIRAS E... PROFISSIONAIS

As costureiras representam na vida lisboeta uma classe a bem dizer esquecida.

São madrugadoras porque o serviço assim o exige, e às vezes intrinsecamente, para não dizer, descaradas.

Devido às condições higiénicas em que se trabalha em muitos «ateliers» as costureiras são propensas às doenças.

E porque assim se reconheceu, recebeu, em tempos, a classe um donativo de doze mil escudos para fornecimento de fortificantes às mais necessitadas.

Data de 1933 a organização sindical das costureiras, a qual abrange entre sócias efectivas e contribuintes mais de mil e quinhentas associadas.

A quotização obrigatória, que estabeleceu aquela distinção, data de 1942.

Naquele número não estão incluídas as raparigas com idade inferior a 18 anos.

A aspiração máxima da classe é o estabelecimento de salários mínimos. Desde 1946 que no Instituto Nacional do Trabalho foi entregue um projecto, segundo o qual as empresas, para efeito de atribuição de salários, seriam repartidas por cinco categorias, desde as casas de luxo — as de alta costura — até às casas, por assim dizer, populares. Sabemos que o I. N. T. P. começou já a estudar esse projecto e até que muitas das empresas, animadas de boa vontade, para a resolução do problema, já pagam salários mais elevados que os propostos. É um gesto dignificante esse que serve de exemplo dos que, por todos os meios — que os há nessas condições — procuram contrariar o aumento de salários do seu pessoal feminino. As categorias profissionais previstas nesse projecto são: mestras, contramestras, (com ordenados fixos mensais), encarregadas de atelier, costureiras, meias costureiras, ajudantes, aprendizes com prática e

simples aprendizes, todas estas com salários semanais.

Não foi esquecida também a situação das que trabalham de empregada em casa, prevendo-se preços fixos para as diversas peças de vestuário a confeccionar.

Outra aspiração é a instituição duma carteira profissional onde figurasse todos os pormenores relativos à identidade e competência da possuidora, com o seu «curriculum vitae» ou seja em português, a sua carreira profissional.

Há um pormenor a que na futura revisão da precária situação das costureiras se deverá ligar suma importância, é o da sua dignidade não apenas moral mas também profissional. Há empresas — isso sucede com as empresas modestas — que impõem às costureiras, muitas vezes sob pena de despedimento, a prestação de serviços domésticos, como sejam recados, fora do «atelier» ou, dentro de casa, varrer, esfregar o chão, lavar a louça ou a roupa.

Também se torna preciso impedir que crianças de 10 anos ou pouco mais sejam incumbidas de entregar, à noite, os vestidos às clientes, regressando a horas mortas a casa, sozinhas.

E o mais grave é que há empresas que não pagam nem as horas extraordinárias dos serões, nem as deslocações.

Desnecessário se torna pôr em relevo o perigo moral que correm essas costureirinhas de palmo e meio.

Estas graves anomalias, cuja eliminação se impõe, dão-se precisamente com as empresas mais pequenas, cujas costureiras são as que trabalham em condições mais precárias.

São essas que, nos fins de estação, quando se verificam falhas de trabalho, estão sujeitas a não trabalhar durante dias e dias com grave reflexo no orçamento familiar.

fissionais criaria sério embaraço a certas famílias que ficariam desfalçadas no seu orçamento, por não poderem prescindir da contribuição das raparigas para aumento das receitas familiares.

Seria problema a estudar também.

A organização sindical não poderá descurar a situação das peleiras, das modistas de chapéus e de roupas brancas, de cintas e fechos «clair», cujas condições de trabalho, por serem especiais e heterogêneas, podem converter-se em condições precárias.

Uma das anomalias a extinguir é a que se relaciona com a Previdência. É proverbial a relutância tanto dos empregados como dos patrões em contribuir para as Caixas de Previdência.

Cremos que as costureiras fazem descontos para a Caixa de Previdência dos Profissionais do Comércio.

Sucedem muitas empresas, especialmente as pequenas, para reduzir ao mínimo a sua quota parte para a Caixa respectiva, não manifestam nem o número exacto das costureiras ao seu serviço, nem a verdadeira situação delas quanto a vencimentos.

Impõe-se mais intensa fiscalização neste particular.

IMPEDIMENTO E SOLIDARIEDADE

A assistência médica às costureiras mais pobres é dada por um posto médico que funciona a horas que mais convém.

Como muitas não poderiam perder um dia de trabalho para ir receber tratamento aos hospitais, o posto médico, para que o estado das doentes não se agrave, fornece remédios. O posto dispõe, além do donativo de doze contos a que acima nos referimos e que tem sido muito bem administrado, de uma verba tirada da quotização das associadas.

As dirigentes sindicais têm dado mostras duma dedicação tal, pela classe, que seríamos injustos se não lhe dêssemos o devido relevo.

Preocupadas com o bem-estar das suas companheiras menos afortunadas, elas esperam que o Instituto Nacional de Trabalho e Previdência tome a sério a solução dos problemas da classe.

Falando há tempos com um empregado de escritório muito competente e como tal considerado por patrões e colegas, dizia-nos ele, num tom de voz em que havia muita convicção e um certo desalento: «É profissão que hei-de fazer todo o possível que o meu filho não siga, esta de empregado de escritório. Constituem excepção os patrões que nos reconhecem valor. Muitos, porque nunca tiveram um contacto sério com os segredos da profissão, julgam como habilitações suficientes para um aceitável escritório o saber ler e escrever. Apesar de tudo é, regra geral, a classe em que encontram as maiores dedicações. No contacto diário com os números que expressam os azares da exploração da empresa, quase sentimos como nossas a sua boa ou má fortuna. Somos os primeiros para quem os patrões apelam nas horas de dificuldade. Quase sempre os últimos a receber regalias e a ser atendidos nas mais justas aspirações. Não, não quero o meu filho nesta profissão!».

Concordámos com a verificação dos factos feita pelo nosso amigo, porque sabemos bem o que é, dum modo geral, a vida do empregado de escritório — por aí fora. A lei marca-lhe sete horas de trabalho diário. Mas quantos não são os chefes de família que vão buscar a trabalhos suplementares, feitos quantas vezes à sobre-possa, o que falta para o equilíbrio económico dos seus lares?

Não concordámos, porém, com a conclusão. O seu filho, meu amigo, deve seguir a profissão ou carreira para que as suas qualidades naturais o fadaram. É lá que ele estará bem. Não procure contrariar a Natureza na pessoa de seu filho, porque ela vinga-se, meu amigo.

Numa organização, quanto possível perfeita, a que se deve chegar pela congregação de todos os esforços, cada qual entraria, por meio duma orientação profissional eficiente, atingindo todos os jovens em idade de escolher profissão, quaisquer que fossem as suas possibilidades financeiras, na profissão para a qual sentisse maior atracção e possuísse maiores aptidões naturais.

Muitas vezes as profissões se depreciam por incompetência duma parte importante dos seus praticos. Esta incompetência é, não raras vezes, devida a uma natural inaptidão para o mister que se seguiu, por capricho, por engodo, por acaso. As consequências tornam-se evidentes: diminuição do valor do profissional, que vive contrariado: diminuição do próprio valor da Nação em que estes casos sejam muito frequentes.

A primeira preocupação dos pais deve ser, pois, descobrir a profissão que mais convém ao seu filho e em seguida esforçar-se por lhe abrir as portas dessa profissão. São altamente louváveis e proveitosos os esforços e sacrifícios dos pais em ordem a este objectivo. Mas a obrigação da orientação profissional e de adequada aprendizagem não impede só sobre os pais. É também da responsabilidade do Estado e, em nosso entender, das entidades patronais, que só colherão vantagens do melhoramento técnico

dos seus colaboradores, e das entidades sindicais que, representantes duma classe tecnicamente valorizada, verão facilitada a sua tarefa de defesa da mesma classe.

É natural que os pais desejem para os seus filhos a melhor situação económica. Errada, porém, nos parece a solução que a maioria procura na consecução desse objectivo: a fuga pura e simples das profissões desvalorizadas. É errada porque o exagerado aluxo às profissões melhor remuneradas se revela sempre factor importante, se não decisivo, do seu aviltamento ulterior.

Ora, quando uma profissão entra em crise, as poucas possibilidades de êxito, ou de equilíbrio, pelo menos, que nela se mantêm, são reservadas aos melhores profissionais. Pode mesmo dizer-se que, quanto mais profunda for a crise numa profissão, tanto maior valor profissional se torna necessário para dela poder viver com certa dignidade. Daqui se segue que, quando estala a crise, esta vai infalivelmente fazer as suas grandes vítimas entre os menos preparados tecnicamente, entre os que seguiram um ofício que não era o «seu» e que por isso, nunca se lhe adaptaram completamente.

Julgamos que, se todos os pais pensassem a sério no grave problema da escolha da profissão de seus filhos, desapareceria o «encanto» dos lugares «chorudos» de momento, e surgiria em seu lugar uma visão mais clara das realidades.

E estas ensinam-nos que a questão se não resolve com as «soluçõeszinhas» que cada um lhe arranja de momento e que correm o risco de se transformar em «complicações» no futuro.

Impõe-se, por isso, uma acção de conjunto no sentido de valorizar as profissões, de garantir a todos os trabalhadores uma certa segurança e independência, de canalizar cada um para a ocupação que mais lhe convém a si e à Nação.

Isto, porém, não se conseguirá se todos cruzarmos os braços.

Faça-se propaganda na Imprensa; ponham os sócios dos sindicatos o problema aos seus representantes, os dirigentes; levem-se as entidades patronais a interessar-se por ele; dê-se conhecimento aos trabalhadores da sua importância; crie-se um movimento de opinião à sua volta; fomentem-se a fundação de Institutos ou Gabinetes de Orientação Profissional; estatua-se sobre as condições de acesso, aprendizagem e ascensão em cada profissão.

Ninguém ignora que, na fase actual do mundo, são ainda muitos os problemas não resolvidos. Mas este da orientação profissional e da conveniente e acessível aprendizagem reveste-se duma importância capital.

Sobretudo, não fiquemos inactivos. Frequentemente uma grande parte da classe operária cai numa destas duas tentações igualmente extremistas: a inação e a violência. Qualquer delas é uma tentação perigosa. Saibamos resistir-lhes se, de verdade, queremos uma real melhoria da sociedade em que vivemos e em que viverão as gerações futuras.

M. A.

FUTEBOL

JOGOS PARTICULARES

No Campo da Barrinha

S. C. Esmoriz, 3-Seleção. Esmorizense 2

No passado dia 18 realizou-se no campo da Barrinha um desafio de futebol entre os jovens representantes do S. C. de Esmoriz, contra uma selecção dos melhores jogadores Esmorizenses.

Com grande assistência os grupos formaram:

S. C. de Esmoriz:

Marcelino; Lino e Valentim; Loureiro, Joaquim e Albertino; Napoleão, L. Pereira, Campos, Agostinho e Hilário.

Seleção Esmorizense:

Caldeira; Amorim e João; Vieira, Oscar e Jacinto; Pinto, Monteiro, Garcia, Moleiro e Adriano.

Ao intervalo o S. C. Esmoriz perdia, contra a feição do jogo, por 0-1, ponto obtido por Jacinto na marcação de um livre.

Na segunda parte o Sporting continuou a dominar e Agostinho, com um forte e feliz remate, conseguiu o 1.º tento do seu grupo, aos 10 minutos.

Passados 13 minutos Agostinho marca novamente. A 7 minutos do fim L. Pereira modifica o marcador para 3-1.

Nos últimos minutos a selecção obteve o seu último golo, por intermédio de Monteiro.

A assistência ficou bem impressionada com os jogadores do S. C. Esmoriz.

Orientação profissional

Outra aspiração da classe é a criação de escolas profissionais de costura. A entrada e frequência dessas escolas seria condicionada pelo Instituto de Orientação Profissional, o qual examinaria as aptidões das candidatas.

Existem já Escolas Técnicas Industriais, mas o que ali aprendem as alunas não é suficiente para a sua vida profissional.

Aqueles cursos destinam-se mais à classe média do que propriamente à classe popular. Sucede que a preparação das alunas, por não ser intensa, não corresponde às exigências da profissão. As raparigas frequentariam essas escolas, não podendo empregar-se antes dos 14 ou 15 anos.

A frequência destas escolas pro-

COISAS DO FUTEBOL

(Continuação da 3.ª página)

si, para que o vencedor dispute em seguida uma «repescagem» contra o Sporting Clube de Espinho (derrotado nos oitavos de final da III Divisão).

No Grupo B — Naval da Figueira da Foz (que eliminou o Ginásio de Alcobaca por 2-1 e 7-0) e Leões de Santarém (que eliminou o Sport Lisboa e Castelo Branco por 1-1 e 2-0). Estes dois concorrentes bater-se-ão agora entre si, para que o vencedor dispute em seguida uma «repescagem» contra o Clube de Futebol os Covilhenses (derrotado nos oitavos de final da III Divisão).

No Grupo C — Oriental (que eliminou o Arroios por 0-2 e 5-1) e Onze Unidos do Montijo (que eliminaram o Futebol Benfica por 1-3 e 4-1). Estes dois concorrentes bater-se-ão agora entre si, para que o vencedor dispute em seguida uma «repescagem» contra o Torriense (derrotado nos oitavos de final da III Divisão).

No Grupo D — Atlético de Moura (que eliminou o Requeços por 1-1 e 2-1) e o classificado a apurar entre Portalegre e Boa Esperança (cujo desafio foi interrompido no domingo último por causa do mau tempo).

Os vencedores finais bater-se-ão

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

3 meses . . . 12\$50
6 meses . . . 25\$00
1 ano 50\$00

Pagamento adiantado. Como «O Trabalhador» não fará cobrança das suas assinaturas, pelo correio, só enviaremos o jornal a quem nos remeter a importância respectiva em vale do correio ou por qualquer outra forma prática.

entre si, para que o «sobrevivente» dispute em seguida uma «repescagem» contra o Estrela de Portalegre (derrotado nos oitavos de final da III Divisão).

TRABALHADORES,
Assina e Divulga
«O TRABALHADOR»

Felicidades para todos

...E eis aqui, meus caríssimos leitores, o estado actual das várias competições Futebolísticas Portuguesas desta magnífica temporada de 1947-1948.

Se isso fosse possível, os nossos votos sinceros seriam para que... ganhassem todos — razão porque a todos desejamos as maiores felicidades. Mas como, afinal, uns têm de perder enquanto outros vencerão, já nos damos por satisfeitos se o «desportivismo» não andar arredado dos vários campos de luta.

...O que, aliás, é o principal!!!...